

ENTRE A BIOPOLÍTICA E A BIOPOTÊNCIA DOS CORPOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

Clayton Cesar de Oliveira Borges

prof.claytonborges@gmail.com

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

A Educação Física escolar situa-se historicamente no horizonte da governamentalidade biopolítica dos corpos. Não obstante, um currículo do componente vem sendo experienciado há pouco, visando à valorização de “corpos outros”. Tomando 33 relatos de práticas pedagógicas consoantes à perspectiva curricular em questão como material empírico, o presente estudo dedica-se a colocar em pauta alguns de seus elementos e, então, desenvolver o argumento de que é plausível pensá-los enquanto biopotência.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Física; Biopolítica; Biopotência.

INTRODUÇÃO

Poder-se-ia dizer que a Educação Física escolar, ao menos em sua configuração tradicional, difundida nas escolas brasileiras de modo mais ordenado desde as décadas finais do século XIX e alvares do século XX (SOARES, 1994, 1998), opera como um dispositivo curricular biopolítico (SOARES, 2006; NEIRA; BORGES, 2018) que, através de um conjunto específico de técnicas e práticas, destina-se à regulação e à normalização dos sujeitos pedagógicos.

Talvez não seja exagero atestar um duplo disciplinamento dos sujeitos pedagógicos submetidos ao componente curricular em pauta, isto é, tanto nas formas históricas de governo biopolítico dos corpos, como nas minuciosas e inexoráveis regulações dos gestos motores através das práticas ginásticas e esportivas (SOARES, 2006), quanto também em relação aos saberes e o pensamento, delineando igualmente as formas de portar-se.

Na contramão de alguns currículos da Educação Física que, enredados por uma biopolítica, objetivam fundamentalmente regular e normalizar os sujeitos da educação, uma proposta curricular da Educação Física vem sendo experienciada há pouco na educação básica, sinalizando outros modos de se pensar o corpo, o que possibilitaria, quiçá, tomá-la enquanto “biopotência” (PELBART, 2007; ESPOSITO, 2017).

Assim, a partir da hipótese supracitada, o objetivo central do estudo é mostrar a operacionalidade de conceber o currículo da Educação Física em análise como biopotência, na qual os corpos não ambicionam existir somente segundo um parâmetro pré-estabelecido. Para tanto, através de uma análise de discurso de inspiração foucaultiana (FISCHER, 2001), toma-se como *corpus* de pesquisa – partindo da indagação acerca

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



dos corpos, transformando-os em instrumentos manipuláveis em prol do desenvolvimento de atitudes e hábitos tidos como desejáveis, o que permitiu associá-los ao conceito foucaultiano de biopolítica.

EDUCAÇÃO FÍSICA E BIOPOTÊNCIA

Quando a vida parece estar inteiramente esquadrihada, controlada, submetida as mais diversas modulações da biopolítica, é aí então que ela “revela, no processo mesmo de sua expropriação, sua potência indomável” (PELBART, 2007, p. 58). Segue-se a isso que ao poder sobre a vida replicaria, pois, a potência da vida. Dessa ótica, o biopoder e a biopotência seriam o avesso um do outro, semelhante a uma fita de *moebius*, em que percorrendo uma linha se chega à outra e vice-versa.

Alegando que o corpo não aguenta mais as inúmeras intervenções dos dispositivos biopolíticos, Pelbart (2007) assinala que seria preciso reaquistar o corpo em sua condição de afetar e de ser afetado. Mas, como dar espaço hoje a um corpo que não seja àquele tido como atlético, perfeito, enfim, um corpo acentuadamente regulado e normalizado pela biopolítica? O autor recorre então à investigação do filósofo português José Gil sobre a dança contemporânea e, ainda, à própria companhia teatral que coordena – cujos atores são usuários de saúde mental –, como exemplos singulares de práticas que poderiam ser compreendidas na condição de potências da vida.

Esposito (2017), por sua vez, a partir dos conceitos de comunidade e imunidade, sublinha que é viável transformar a normalização absoluta da vida – e que resulta, por vezes, numa tanatopolítica – numa biopolítica da vida ou, se se quiser, numa biopolítica afirmativa. Para tanto, em vez de uma norma exterior aos corpos, o filósofo propõe uma norma interior, imanente aos próprios corpos, na qual toda forma de existência tem igual legitimidade. Desse ângulo, “toda vida é forma de vida e toda forma se refere à vida” (ESPOSITO, 2017, p. 246).

É, pois, nesse mesmo diapasão que se sustenta aqui a ideia de que a Educação Física escolar – historicamente atravessada por determinado léxico biopolítico normativo – pode ser pensada enquanto biopotência. O argumento central da presente investigação, conforme mencionado, é desenvolvido a partir da análise de 33 relatos de práticas pedagógicas alicerçados na pedagogia cultural da Educação Física (NEIRA; NUNES, 2006, 2009), elaborados entre os anos de 2014 e 2018.

Tomando os relatos das práticas pedagógicas perscrutadas em conjunto, nota-se o respeito e a valorização de “corpos outros”, isto é, de corpos heterotópicos, que escapam dos supostos padrões de normalidade quanto ao peso corporal, à habilidade motora, à sexualidade, à idade, à estética, ao comportamento, à cognição etc. Cabe assinalar que tal atitude ética advém dos princípios da pedagogia cultural da Educação Física e materializa-se, pois, nas ações pedagógicas examinadas em que se problematiza, entre outros tópicos, a regularidade e a descontinuidade dos significados/discursos atribuídos a certos corpos – como os dos próprios estudantes e/ou dos representantes de dada prática corporal tematizada – enquanto construção social, sempre contingente, resultante de determinadas relações de força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseada sobretudo num vocabulário biopsicológico, a Educação Física escolar possui longa tradição de disciplina alinhada a estratégias de normalização e regulação dos corpos. Entretanto, a análise aqui empreendida sinaliza que tal governo biopolítico dos corpos pode – num currículo da Educação Física que reconhece e valoriza os mais distintos corpos e, por corolário, todas as formas de existência – resultar numa biopolítica afirmativa, numa biopotência.

Para finalizar, evoquemos as palavras de Benevides (2015) em seu perspicaz *Manifesto contrabiopolítico*, no qual conjectura que diante da questão: “o que pode um corpo?”, é possível que durante muito tempo não saibamos, ainda, responder a tal indagação. Mas é justamente aí, no fato de “não sabermos, ainda”, que habita a nossa forma de lutar contra todos aqueles que traçam limites ao corpo.



BETWEEN BIOPOLYTICS AND THE BIOPOTENCE OF BODIES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Physical School Education is historically situated on the horizon of the biopolitics governmentality of bodies. Nevertheless, a curriculum of the component has been experienced recently, aiming at the valuation of "other bodies". Taking 67 reports of pedagogical practices according to the curricular perspective in question as empirical material, the present study is dedicated to putting some of its elements on the agenda and then developing the argument that it is plausible to think of them as biopotence.

KEYWORDS: *Physical Education; Biopolitics; Biopotence.*

BETWEEN BIOPOLYTICS AND THE BIOPOTENCE OF BODIES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

RESUMEN

La Educación Física escolar se sitúa históricamente en el horizonte de la gubernamentalidad biopolítica de los cuerpos. No obstante, un currículo del componente viene siendo experimentado hace poco, buscando la valorización de "cuerpos otros". Tomando 67 relatos de prácticas pedagógicas consonantes a la perspectiva curricular en cuestión como material empírico, el presente estudio se dedica a poner en pauta algunos de sus elementos y, entonces, desarrollar el argumento de que es plausible pensarlos como biopotencia.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; Biopolítica; Biopotencia.*

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AQUINO, J. G. Educação e biopolítica: um panorama da produção acadêmica brasileira no campo educacional (2001-2016). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 33, n. 66, p. 95-112, out./dez. 2017.
- BENEVIDES, P. S. Manifesto contrabiopolítico. *Lampejo*, Fortaleza, v. 1, n. 7, p. 195-200, 2015.
- CARVALHO, W. L.; GUIDO, H. A. O. Fundamentos orientadores para as políticas públicas da educação física no regime militar (1964-1985). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 583-606, jul./dez. 2011.
- ESPOSITO, R. *Bios: biopolítica e filosofia*. Belo Horizonte: UFMG, 2017.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise de discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- NEIRA, M. G.; BORGES, C. C. O. Esquadrinhar e governar: uma análise das recomendações do CONFEF para a Educação Física escolar. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 571-590, abr./jun. 2018.
- PELBART, P. Biopolítica. *Sala Preta*, São Paulo, v. 7, p. 57-66. nov. 2007.
- SOARES, C. L. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOARES, C. L. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, M.; VEIGA NETO, A. (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 75-85.
- VILAÇA, M. M. Ginástica escolar como dispositivo biopolítico-pedagógico: uma análise da relação entre educação, saúde e moralidade em Fernando de Azevedo. *Sinais Sociais*, v. 5, p. 142-161, 2011.

